



VOCABULÁRIO DA METRÓPOLE: REVOLUÇÃO

Margareth da Silva Pereira

PROURB UFRJ | margaspereira@gmail.com

Mário Luis Carneiro Pinto de Magalhães

DAU ESDI UERJ | mmagalhaes@esdi.uerj.br

Resumo geral:

Esta mesa tem por objetivo debater os termos, lugares e práticas sociais que organizam as sublevações, derivas e utopias que a cidade sonha, sonhou ou faz sonhar. Nos últimos séculos as cidades se impuseram ao olhar e passaram a participar de um novo regime de visibilidade. Consideradas como fatos, mas também como tema de discursos, tornaram-se foco de estudos e de projetos de obras públicas e as dimensões de seus monumentos passaram a ser surpreendentemente grandiosas.

Cidades contribuíram também para separar, misturar ou acolher as diásporas de povos e culturas. Tornaram-se, para alguns, grandes engrenagens colocando milhões de indivíduos, cada um em um lugar preciso e cada coisa em seu lugar. Foram vistas por outros como organismos vivos que, como enormes corpos, cheios de tentáculos, engoliam rios, vales, montanhas, florestas, pedaços de céus, e virando pelo avesso partes da vida social, sufocavam o campo e quebravam um certo equilíbrio ambiental. Enfim, passaram também a reunir forças e ora a sustentar impérios, ora a fomentar revoltas e mudanças, a inspirar utopias e antevisões de sociedades e de outras possibilidades de vida social.

A ideia de que seria possível conceber diferentes formas e imagens de cidade ou defender, de um ponto de vista político, a própria ideia de que outros mundos seriam possíveis, atravessa os diferentes papéis atribuídos às cidades e são geralmente aceitas. Contudo pode parecer estranho afirmar que a ideia de projeto arquitetônico, urbanístico ou social têm historicidade e são indissociáveis de reflexões e conceitos que têm origem na física e na matemática, e, particularmente no conceito de desvio. Desenvolvido no mundo antigo, principalmente, por filósofos-matemáticos ou por matemáticos que acabaram se tornando filósofos em contato com o atomismo de Epicuro e do seu mais importante estudioso, Lucrecio, o tema do desvio e do projeto caminham juntos.

Tampouco se associa o pensamento de Marx e Engels à biologia ou ao movimento dos corpos, ou analisa o investimento que ganha a arquitetura nos séculos XV e XVI, e o urbanismo dois

ou três séculos depois, à noção de desvio. Contudo, é ela que alimenta a ideia de um mundo utópico outro e inexistente ou a espera de revoluções ser conquistado e, ainda dá forma à ideia de um mundo atópico pautado apenas em pactos contingentes entre indivíduos.

Embora, em um ritmo lento, a teorização sobre a noção de desvio penetrará, também, diretamente, no campo das ações concretas e da política alimentando a ideia de perfectibilidade, corrigindo os indivíduos e inclusive a forma dos corpos e sustentando a ideia de reforma ou insurgência, revoltas, levantes e revoluções marcadas por um claro afastamento de trajetórias previstas lineares e retilínea.

O entendimento das ideias de movimento, por exemplo, cresceu com os trabalhos a partir, sobretudo, de Newton enfocando a gravidade celeste e terrestre e se materializariam de diversas formas nas cidades. A observação mais fina dos corpos em seu ímpeto de atração ou repulsão, em seus perfis e características, em suas manifestações similares ou convergentes ou, enfim, em seus desvios de padrões mais ou menos regulares, abre espaço para uma visão classificatória dos fenômenos que inspira uma nova configuração do campo científico.

A compreensão de muitos estudiosos de que o vivente se organiza em mundos os mais diversos e que em suas interações e suas conexões potencializa, enfraquece ou desdobra a própria vida, contribuiu para a análise sistemática do interior do próprio corpo humano, da circulação do sangue à reação à inoculação de vírus e à invenção das vacinas e o mundo da terra parece começar a caber em uma tabela periódica e suas associações. Contudo, a rigidez das estruturas sociais e de uma forma de pensar sequencial, unidirecional, causal ou evolutiva que se tornariam dominantes acabou fazendo com que esse desvio indeterminado e imprevisível fosse pouco debatido de modo amplo em termos sociais e em termos científicos.

Entretanto, no repetir de cada gesto, erra o desvio. O encanto de cada canção faz sonhar novos mundos. No calar da noite fulgura o invisível desejo. A vida se afirma repleta, exuberante, transbordante. Erro, sonho, desejo preenchem todo e cada intervalo.

As perguntas que se repetiriam são: átomos, moléculas, partículas e corpos seguiriam irremediavelmente trajetórias predeterminadas? A existência humana e social seria da ordem do destino? Assim, a ideia de que a existência social seria, deveria ou deverá ser diferente e melhor em relação ao que é constitui e é a premissa de todo ato de projetar, lançar adiante, introduzir o desvio por infinitesimal que possa ser e, quem sabe, revolucionar os modos de vida.

NOITE

Osnildo Adão Wan-Dall Junior

Instituto Federal da Bahia e PPG-AU/UFBA | osnildo.adao@ifba.edu.br

Em 1784, o periódico alemão *Berlinische Monatsschrift* publicou uma resposta dada por Immanuel Kant sobre “o que é esse Iluminismo [*Aufklärung*] do qual fazemos parte” (Foucault,

1994, p. 682). Doze anos depois, o filósofo respondeu outra questão que se colocava na Alemanha, relativamente ao ano de 1789: “o que é a revolução” (Foucault, 1994, p. 682)? Considerar as “Luzes” e o pensamento racionalista efervescente da modernidade é também pensar sobre a própria condição das metrópoles em transformação: o século XVIII fez germinar uma série de posturas libertárias que incidiram diretamente na conformação urbana e no modo com que sociedades passaram a se relacionar com terra-território-habitat em que vivemos.

Eleger a noite como tema para pensar a relação entre cidade, urbanismo e revolução passa pela compreensão de que ela é objeto de um intenso jogo de forças ético-político, e é por esse viés que se lhe pode apreender como um processo engendrado por uma complexa coexistência narrativa de enunciados, discursos e práticas em constante disputa. Em tempos recentes, com a noite pretensamente ameaçada de cooptação como mercadoria por políticas culturais que incidem no espaço urbano e que nos fazem questionar, mesmo retoricamente, como seria ainda possível encontrar seu mistério lírico, onírico, transgressor, objeto de enredos de tantos narradores urbanos em sua prática estética cotidiana desde pelo menos o chamado Século das Luzes: a exata poética da noite.

Tem-se aqui a noite quase codificada, por onde perpassam imaginários sociais coexistentes em nuvens-imaginários, exatamente dentro do nevoeiro contemporâneo (Wisnik, 2018). Talvez um dos mais potentes desses imaginários seja criado justamente pelos mistérios, pela associação de que a noite não é somente seu lugar, mas é também dotada deles. Ao imaginário dos mistérios da noite, a essa noite-imaginário dos mistérios, se somariam outros tantos que também produzem ideias sobre a noite, dentre as quais se podem destacar a noite-imaginário do medo e a noite-imaginário que é da ordem do espetáculo urbano (Debord, 1967), isto é, da apropriação da imagem como fetiche, simulacro.

Duas figuras conceituais nos ajudam a compreender essa noite-cidade-revolução em suas possibilidades espaço-temporais: as iluminações, que não somente profanam, mas que também são, ironicamente, o antídoto para o espetáculo urbano, e os reacendimentos, que têm na figura do fogo, da fagulha, daquilo que flameja, um bálsamo possível para a sobrevivência dos próprios mistérios da noite, sua experiência e narração, ainda que em meio a luzes bruxuleantes, e apesar de tudo.

GESTOS

Lígia Dias

PROURB UFRJ | ligia.dias@fau.ufrj.br

Tratar o gesto como algo indiscernível é uma possibilidade de potencializar a sua instabilidade, ao mesmo tempo em que se estabiliza certos aspectos que o fazem ser o que é: uma ação, um ato, que muitas vezes transforma radicalmente ou sutilmente o cotidiano. O interessante é chamar a atenção que para depois do desenrolar de um gesto nada permanece

como estava, mesmo que isso possa acontecer em escalas e intensidades diferentes. Tomar o gesto como indiscernível é pensar a partir de dualidades que se encontram, se cruzam e se entrelaçam e, conseqüentemente, se fortalecem. Por exemplo, o gesto é “poder e ação, naturalidade e artificialidade, contingência e necessidade” (Agamben, 1991). Assim, o gesto habita essa linha tênue entre diversos estados e possibilidades e a partir disso consegue transformar as estruturas mais sedimentadas, quando as mesmas não fazem mais sentido para quem as habita. Dessa forma, o gesto como ação transforma e provoca micro, médias ou até mesmo macro revoluções. No final, a escala não é tão importante, mas sim a consciência do poder e da potência do deslocamento provocados pelo gesto.

Na cidade, o gesto assume um papel de protagonista, mesmo quando passa despercebido. Afinal, ele pode não ter sido notado, mas seus rastros criaram novas possibilidades ou permitiram que tudo prosseguisse no mesmo fluxo. E isso tem muita intensidade. Tomar consciência desse poder de revolução presente no gesto, e principalmente no gesto realizado na cidade - na frente de todos os olhos que a habitam - pode ser perigoso para estruturas consolidadas, governos autoritários, explorações sociais e ambientais, desigualdades, violências. Uma coisa que pode ser tomada como tão sutil e singela, mas com uma força para deslocar tão forte. Quando usado nessa consciência de um campo cercado por indiscernibilidade, o gesto é uma revolução.

DESVIO

Margareth da Silva Pereira

PROURB UFRJ | margaspereira@gmail.com

Mário Luís Carneiro Pinto de Magalhães

DAU ESDI UERJ | mmagalhaes@esdi.uerj.br

O delta de um rio. As declinações de um verbo ou de um modo de agir. A inclinação de um plano, de uma rua, de um solo. A bifurcação de uma via ou de uma vida. O contorno de um caminho, de uma estrada. O desvio em uma trajetória, um alvo, uma meta, um percurso.

Na cultura greco-latina são inúmeras as palavras para dizer de situações, designações, fluxos, direções ou comportamentos e processos que escapam de uma ordem única, esperada, pré-estabelecida. Delta, declinação, inclinação, bifurcação, contorno, desvio... sem estes termos não seria possível falar em revoltas, insurreições, exílios, nomadismos, diásporas, genocídios e guerras, mas também não seria possível pensar as possibilidades dos mundos ou desenhar o projeto de mundos possíveis. A família de adjetivos que remetem a deslocamentos errantes, destituídos de previsibilidade e certezas, que impõem um corte, uma mudança, um câmbio também o é: revolucionário, confuso, caótico, diaspórico.

Entretanto, nessa passagem entre uma experiência, uma imagem de pensamento e a palavra que buscará traduzi-la, perde-se o instante do lampejo fugidio em que a ideia é, ao mesmo tempo, surpresa, aparecimento e sentido e constrói-se como que suas reverberações

condensando-as na reflexão e na memória, buscando substituir o infinito e atemorizante “céu da noite” pelo “céu dos livros”.

Mesmo assim, muitos têm tentado lembrar esse instante de iluminação, desestabilidade e túbio e frágil “esclarecimento” oferecido pela palavra, servindo-se dela. Para citar apenas alguns nos anos 1960-1970 Gilles Deleuze e Félix Guattari insistiram em lembrar de *détournements*, Manfredo Tafuri de *projetto* e outros ainda falaram de *révolution* do campo do conhecimento atribuindo um sentido originário a este último termo que nada tem de culto ao progresso, mas de um “deslocamento” em que se volta a algum passado, sabendo-o de saída um lugar inexistente.

O mais curioso, entretanto, é observar como se dá o uso social e histórico que cidades e culturas fazem destes substantivos e adjetivos. Quais são os termos que fazem pensar o desvio por um lado, por outro quais são as práticas que dão sentido situado, específico a como os grupos sociais enredaram rupturas e suturas.

CANÇÃO

Eloisa Marçola

PPGAU UFBA | eloisa.marcola@gmail.com

Entender a canção como potência condutora e problematizadora da vida, e que, não só nos diz sobre, mas também é agente na constituição de cidades, nos possibilita pensar o coletivo, o cotidiano, os modos de vida, o espaço urbano de uma maneira mais instigante, como “poder poético”, como “acontecimento” que, não apenas abra novas perspectivas de caminhos não percorridos, mas também “conclama a imaginação a agir” (Pereira: 2018, p.250) para chegar em uma coisa outra, para além do que está dado e de infinitas possibilidades.

Assim, a canção é tida como forma de subjetivação potente a desvelar questões e disputas no campo do urbanismo. Para isso, escolhe-se Tom Zé por entender que o artista, ao contrário, se utiliza das questões e tensões urbanas e do cotidiano para compor suas canções. Estas, por sua vez, nos atravessam, possibilitam imaginários outros de cidade, formam subjetividades.

Neste mergulhar, identificou-se que o processo construtivo tanto da pesquisa quanto de como Tom Zé e sua obra se apresentam passam pela repetição, pelo retorno, pelo refrão, por um movimento espiralar, como nos traz Drummond (2022, p.207): “O intenso ir-e-vir evoca a figura barroca da elipse, pois não se repete, sempre num certo nível diferencial, embora não deixe de nomear algo que nunca terá nome”. Ou seja, o movimento acontece na medida em que há a repetição, no gesto de se colocar nesse fim-começo, em um campo aberto, experimental, que criam e ressignificam práticas e narrativas.

Como “o canto de pássaros: o pássaro que canta marca assim seu território” (Deleuze; Guattari: 1997, p.102), nota-se, então, que a expressão musical nos invoca um lugar, uma

cidade, nos territorializa pela repetição. Ao tempo que “parece ser preciso compreender que as cidades falam, e que é preciso se surpreender para saber ouvi-las” (Velloso: 2022, p.20).

Buscar na repetição do linguajar oral, na escuta atenta às conversas contadas repetidas vezes, na repetição de tradições passadas de geração para geração, no cotidiano da cidade, nas canções o que quebra a monotonia do dia a dia, a falha, a fenda, o desvio, a nebulosa e se surpreender com o que as cidades contam/cantam como marca constituinte do sujeito em um território, em uma morada.

BIBLIOGRAFIA

Agamben, Giorgio. Notes sur le geste. **Revue Trafic**, v. 1, p. 33-34, 1991. Disponível em: <https://archive-magazine.jeudepaume.org/2013/04/giorgio-agamben-notes-sur-le-geste/index.html#:~:text=Une%20C3%A9poque%20qui%20a%20perdu,plus%20la%20vie%20devenait%20ind%20C3%A9chiffable>. Acesso em: 5 de junho de 2024.

Debord, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Original de 1967. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997. Vol.4.

Drummond, Washington. **Cacopédia: Paralipomena para o manual da infâmia**. Catu: Bordô - Grená, 2022.

Foucault, Michel. “Qu’est-ce que les Lumières?” In: **Dits et Écrits**. Édition établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald avec la collaboration de Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, p. 679-688.

Pereira, Margareth S. Pensar por Nebulosas. In. Jaques, P.B., Pereira, M.S.(Org.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Tomo I – modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018, p.236-261.

Velloso, Rita; Jacques, Paola B. **Enigma das cidades: ensaio de epistemologia urbana em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Cosmópolis; Salvador: Edufba, 2023.

Wisnik, Guilherme. **Diante do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.